



VOLUME - V.3
NÚMERO - N.2
DEZ. - 2025
ISSN: 2966-1439
P.256-271

A NATUREZA AFRICANA COMO CENÁRIO ALEGÓRICO DA LIBERTAÇÃO FEMININA EM *THREE DREAMS IN A DESERT*, DE OLIVE SCHREINER

AFRICAN NATURE AS ALLEGORICAL SETTING FOR FEMALE LIBERATION IN *THREE DREAMS IN A DESERT* BY OLIVE SCHREINER

Maria Lua Albus¹

RESUMO: Este artigo analisa o conto *Three dreams in a desert* (*Três sonhos em um deserto*) publicado pela escritora sul-africana Olive Schreiner em 1887, conectando-o aos ideais de libertação feminina e progresso social fundamentais à obra de Schreiner. O conto aborda a história da opressão sexista e o desejo de libertação das mulheres por meio de sonhos que a pessoa narradora tem ao dormir no deserto; é um conto notável por usar do ato de sonhar como moldura para a representação da luta social feminina em três formas pictóricas distintas, e por usar o espaço natural africano como cenário alegórico como materialização do ideal.

Palavras-chave: Literatura sul-africana. Feminismo. Alegoria.

ABSTRACT: This paper analyses the short story *Three Dreams in a Desert*, published by South African writer Olive Schreiner in 1887, connecting it to the ideals of women's liberation and social progress that are fundamental to Schreiner's work. The story deals with the history of sexist oppression and the desire for women's liberation through dreams that the narrator has while sleeping in the desert; it is remarkable for using the act of dreaming as a frame for the representation of women's social struggle in three different pictorial forms, and for using the African natural space as an allegorical setting for the materialisation of the ideal.

Keywords: South African literature; Feminism; Allegory.

1 A SONHADORA

¹ Mestra em Teoria e História Literária. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: marialua.albus@gmail.com

Como filha de missionários enviados à África no final da década de 1830, Olive Schreiner nasceu em 1885 em uma missão no norte da Colônia do Cabo, precedida por oito irmãos, numa vida nômade em que as crianças eram ensinadas a ler e escrever pela mãe. No isolamento dos descampados africanos, sob a censura da mãe, que a considerava uma criança demasiado emotiva e impulsiva, voltou-se para a escrita como forma de expressão (First; Scott, 1990, p. 59). A partir de 1865, quando seu pai perdeu o emprego de missionário, Olive se desgarrou da família nuclear: viveu na casa de parentes e amigos, e trabalhou como governanta na fazenda de diversas famílias por toda a Colônia do Cabo. Foi a partir desse ponto que sua escrita se desenvolveu, marcada por uma perspectiva formativa inortodoxa: distante dos pais e, frequentemente, dos irmãos, não gozava da tutela familiar comum às mulheres daquele período, o que lhe permitia maior liberdade, mas, simultaneamente, a submetia ao desamparo e à solidão.

Por sua trajetória solitária, é notável na escrita de Schreiner a percepção da natureza africana como espaço de pertencimento (First; Scott, 1990, p. 84). O *karoo*, bioma semiárido e rochoso que domina a região do Cabo onde se estabeleceram os colonos fazendeiros, é o elemento comum à maioria de seus romances e contos; árido e ermo, é o espaço onde ela cresceu, trabalhou e escreveu durante décadas, e onde via refletidas suas tribulações. Mesmo quando se mudou para a Inglaterra em 1881, na intenção de estudar medicina ou enfermagem — o primeiro diploma universitário fora concedido a uma mulher no Reino Unido em 1878, pela Universidade de Londres — a escrita de Schreiner continuou aterrada nas imagens de desertos, rochedos e rios profundos.

Na vida em Londres, sua saúde frágil impediu os planos de estudo, mas foi onde encontrou uma editora para seu romance *The story of an African farm* (Schreiner, 1883), cujo sucesso de vendas em vários países a transformou em celebridade internacional e a inseriu nos círculos eruditos de Londres. Ao longo da década de 1880 construiu uma rede de relações intelectuais frutíferas, muito graças aos clubes tão característicos da organização social vitoriana. Em 1885, foi membra fundadora do *Men and Women's Club*, coalizão de mulheres e homens liderados pelo estatístico e eugenista Karl Pearson e interessados na *woman question*, um recorte de feminismo com abordagem urbana e cientificista. As discussões no clube foram, pela concordância ou discordância, fundamentais para refinar o feminismo na obra de Schreiner e firmar sua posição

pública como progressista e dissidente (First; Scott, 1990, p. 151). Isso é visível, a título de exemplo, em sua aderência ao movimento *dress reform*, que almejava mudar os paradigmas do vestuário feminino em favor do conforto e praticidade para a nova geração de mulheres que se inseriam na força de trabalho urbano, nos esportes e nos espaços públicos (Aslin, 1969, p. 147). Nos retratos fotográficos, Schreiner (Fig. 1) se mostra uma mulher inclinada à silhueta natural e à parcimônia nos adornos, a ponto de seu desdém pela moda rígida e burlesca da época lhe causar infâmia ao ser confundida com uma desvalida em um hotel e uma prostituta numa estação de trem (Jay, 2003, p. XXVI).

Figura 1. Olive Schreiner nos anos 1880, autoria desconhecida



Fonte: National Portrait Gallery

Tal má-fama lhe causava orgulho e diversão, como reportou ao amigo Edward Carpenter numa carta acerca do episódio na estação de trem:

[...] um clérigo que creio ser George MacDonald, que estava com uma filha e dois rapazes, me encontrou. Ele evidentemente pensou que eu era uma daquelas “mulheres infelizes de Monte Carlo”. [...], mas o horror que todos eles pareciam sentir por mim, e seu medo terrível de que um dos rapazes me acompanhasse, foi engraçado. Ah, *ach*, minhas pobres irmãs, quando isso vai passar!

É quando penso nessas mulheres, Edward, que sinto que sou uma mulher, e fico feliz por ser uma mulher, para que eu possa lutar e, finalmente, não haja mais nenhuma de nós. Esse é realmente o trabalho da minha vida² (Schreiner, 1888, tradução nossa).

É pela afinidade com mulheres proscritas e desamparadas que Schreiner compreende a própria identidade de gênero e o propósito de seu trabalho. Para os vitorianos, a prostituição era uma falha moral, um sintoma de devassidão impróprio às mulheres; para Schreiner, era um sintoma da desigualdade econômica entre os sexos e que não se limitava ao meretrício *de facto*, mas se estendia à competitividade entre mulheres pela atenção masculina e, correlatamente, à posição da esposa como dependente material exclusiva para o trabalho sexual e reprodutivo (Schreiner, 1914).

Quando se desgarra do estigma e vê as prostitutas como irmãs, Schreiner reconhece nelas um trabalho mais honesto que o das donzelas obsequiosas e das esposas inglesas, por não mascarar sua natureza com o véu da moral e da santidade e, além disso, por tratarem os homens como seus iguais, partes equânimes em uma transação. É patente que Schreiner compreende a libertação feminina como um sonho de igualdade no sentido estrito, que se tornaria real mediante a compreensão, pelas mulheres, da própria posição de desvantagem e subsequente rompimento com os aparatos morais, sociais e econômicos usados para manter a mulher em tal posição.

2 OS SONHOS

É em *Three dreams in a desert* (Schreiner, 1887, p. 198-203; 1892, p. 65-85), que Schreiner apresenta pictoricamente seu sonho de liberdade. O conto se inicia com uma pessoa narradora, desprovida de gênero, se deitando para descansar em meio ao deserto à sombra de uma árvore de mimosa e tendo, em sequência, três sonhos: no primeiro, a Mulher é um animal de carga soterrado pela areia do deserto, amarrada pelas cordas do Tempo-da-força-muscular ao animal-Homem e a um fardo maciço, apenas quando essa

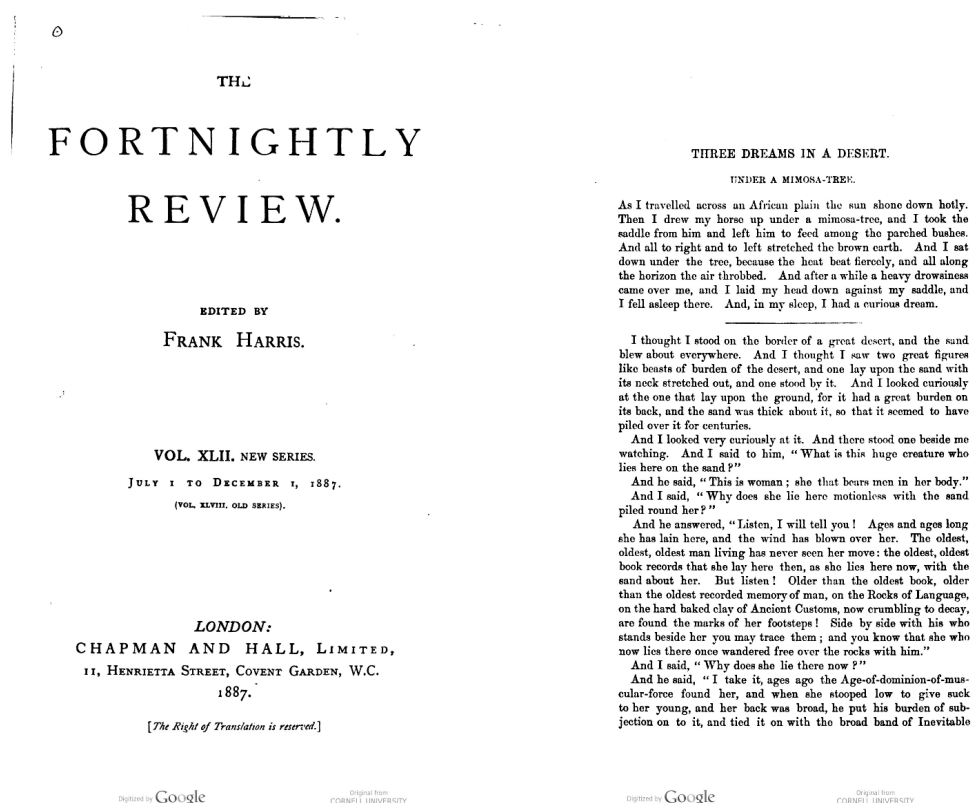
² No original: “[...] a clergy man who I think must be George MacDonald, who was with a daughter & two young men, met me. He evidently thought I was one of those ‘unhappy women from Monte Carlo’. [...] but the horror they all seemed to feel to me, & his awful fear lest one of the young men should walk here with me, was funny. Oh, Ach, my poor sisters, when will this pass away!”

It’s when I think of these women Edward that I feel I am a woman, & I’m glad I am a woman so that I may fight & there may be none of us any more at last. That is really the work of my life. “Ach” é uma onomatopeia do africâner.

força é extinta pelo Tempo-da-força-nervosa é que o jugo se parte, quando então a pessoa narradora observa a Mulher perceber e se esforçar para levantar a despeito da fraqueza do aprisionamento; no segundo, a Mulher pede ao ancião Razão aconselhamento sobre como atravessar o rio entre ela e a Terra da Liberdade, ao que o ancião responde que ela deve iniciar a trilha até a margem e tentar atravessar, pois, mesmo que ela se afogue, as “dez mil vezes dez mil mulheres” que vêm caminhando à distância seguirão pela trilha que ela iniciara; no terceiro, a pessoa narradora vê uma terra onde mulheres e homens são iguais entre si, de mãos dadas, e quando indaga onde está, lhe dizem que aquele é o paraíso na terra e quando pergunta quando aquilo vai acontecer, lhe respondem que no Futuro.

Three dreams in a desert (Schreiner, 1887, p. 198-203) foi publicado pela primeira vez na revista *The Fortnightly Review*, na edição de julho-dezembro de 1887 (Fig. 2). A *Fortnightly*, inicialmente uma revista com aspirações de escapar ao viés político, se estabeleceu como revista progressista, famosa pelas contribuições literárias e jornalísticas por autores de renome.

Figura 2. Folha de rosto da revista e primeira página de *Three dreams in a desert* na *The Fortnightly Review*

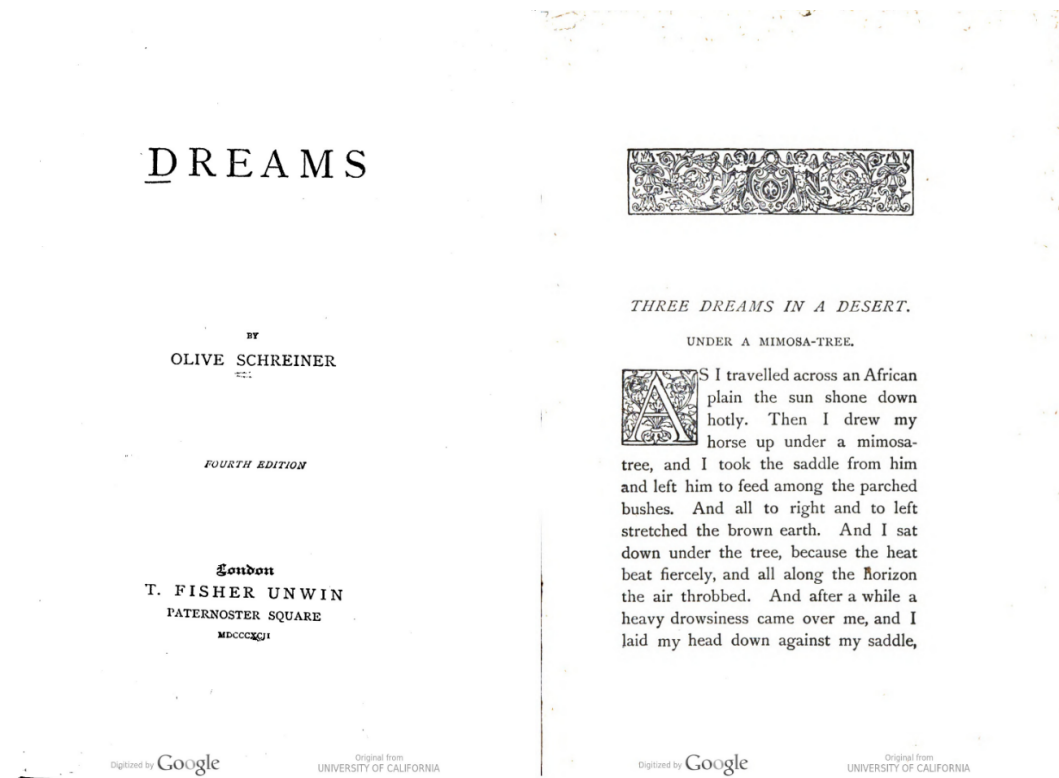


Fonte: HathiTrust

A *Fortnightly* era, então, uma expoente do progressismo positivista, legado de seu primeiro editor G. H. Lewes, que atrelava a libertação feminina à racionalização da sociedade (Turner, 2000). Schreiner aderiu parcialmente a esse pensamento, vide sua concepção de igualdade absoluta entre os sexos e, principalmente, seu uso da alegoria, uma forma universal, que comunica o abstrato através do concreto. Porém, contraditoriamente, Schreiner concebe uma igualdade que só será alcançada pela diferença e um ideal que é acessível apenas pela imaterialidade do sonho.

A segunda publicação de *Three dreams in a desert* (Schreiner, 1892, p. 65-85) foi na antologia *Dreams*, publicada em 1890 (Fig. 3). Esse volume coleciona, em ordem cronológica, onze contos escritos pela autora entre as décadas de 1870 e 1880 e serve como demonstração do desenvolvimento formal e conceitual de sua imaginação e ideias. Ao longo dos onze contos alegóricos, Schreiner tem flutuações de universalização e particularização dos temas sociais e do espaço geográfico usado como cenário; é instável, também, o quão fora da norma é a linguagem usada. *Three dreams in a desert*, o quinto conto, está justamente na metade dessa linha do tempo; nele, o espaço é particular, o ideal é universal e a linguagem figura o sonho como reflexão e resolução simultâneas.

Figura 3. Folha de rosto do livro e primeira página de *Three dreams in a desert* em *Dreams*



Fonte: HathiTrust

A posição de *Three dreams in a desert* na coleção é indissociável da compreensão de gênero presente em sua narrativa. Nathalie Saudo-Welby (2017) é quem descreve mais acertadamente a figuração de gênero ao longo de *Dreams*:

À medida que se lê a sucessão de histórias, as vozes narrativas passam por uma evolução significativa, embora não sistemática, da neutralidade para a inclusão de gênero. Em termos narrativos, *Dreams* se divide em três partes (que separarei para fins de clareza). As primeiras quatro histórias são contadas em terceira pessoa e apresentam personagens e valores claramente atrelados ao gênero (seção I). As histórias seguintes (seção II) são quase todas contadas em primeira pessoa, uma técnica narrativa que permite à escritora grande amplitude de gênero, já que o gênero gramatical não é marcado em inglês [...] duas histórias, escritas em terceira pessoa, são exceções. As duas últimas histórias da coletânea (seção III) são contadas por uma narração em primeira pessoa que se atribui um gênero no decorrer da narrativa. [...] Na seção I, o gênero é especificado e não problematizado. Na seção II, o gênero é problematizado e não especificado. Na seção III, o gênero é problematizado e ambivalente³ (Saudo-Welby, 2017, p. 4, tradução nossa).

Three dreams in a desert é parte do que Saudo-Welby considera a segunda seção. O conto é narrado em primeira pessoa pela agente do sonho, cujo gênero não é explicitado. Entretanto, sua identidade pode ser compreendida por sua relação com as demais personagens dos sonhos, principalmente com as personagens explicativas, figuras que interagem tanto com a sonhadora-narradora quanto com as demais personagens. Em seus diálogos, as personagens explicativas elucidam as alegorias em que se inserem: no primeiro sonho, a pessoa-sonhadora reporta haver “alguém ao meu lado observando”⁴ (Schreiner, 1892, p. 68, tradução nossa) que lhe explica quem são os animais de carga; no segundo, quando a Mulher chega à margem do rio encontra “um ancião de longas

³ No original: “As one reads through the succession of stories, the narrators undergo a significant, albeit unsystematic, evolution from neutrality to gender-inclusiveness. In narrative terms, *Dreams* falls into three parts (which I will separate for the sake of clarity). The first four stories are told in the third person and present clearly gendered characters and gendered values (section I). The following stories (section II) are almost all told in the first person, a narrative technique which allows the writer great gender latitude, since grammatical gender is not marked in English. In Part II, five stories are told by a first-person narrator who remains neutral throughout, thus creating a major mode of gender neutrality; two stories, written in the third person, stand as exceptions. The last two stories in the collection (section III) are told by a first-person narrator who becomes gendered in the course of the narrative. In the last but one story, ‘I Thought I Stood’, the narrator proves to be female, while in ‘The Sunlight Lay Across my Bed’, the dreamer turns out to be male. In section I, gender is specified and unproblematic. In section II, gender is problematic and unspecified. In section III, gender is problematic and ambivalent.”

⁴ No original: “one beside me watching”.

barbas brancas; tinha na mão um cajado cheio de nós em que estava escrito Razão”⁵ (Schreiner, 1892, p. 76, tradução nossa) e que lhe explica como chegar à Terra da Liberdade; no terceiro sonho, a narradora busca ativamente uma explicação do que vê, no trecho “E eu perguntei àquele ao meu lado”⁶ (Schreiner, 1892, p. 84, tradução nossa).

Assim, o papel da personagem explicativa — Razão, de acordo com o segundo sonho — é a parte da paisagem onírica que atende a uma demanda da pessoa-sonhadora. Nesse contexto, é frequente que os diálogos sejam precedidos repetidamente por pronome e verbo *dicendi*, ou por conjunção, pronome e verbo *dicendi*, criando uma reiteração que embaça o fluxo da narrativa e até a quem os pronomes se referem. O efeito desse apagamento é o de amalgamar as personagens, figurando o ideal progressista de igualdade como equalização. É pelo uso da forma dialógica que Schreiner chama à atenção que, assim como a interpretação dos sonhos, atos libertários necessitam do compartilhamento de ideias e de certa didática por parte de uma figura que oriente a reflexão e facilite a resolução subsequente.

Ao longo do conto Schreiner leva a genderização à hipérbole, atribuindo gênero a ideias e abstrações, como “Tempo-da-força-muscular” e “Tempo-da força-nervosa”⁷ (Schreiner, 1892, p. 71, tradução nossa), as duas forças que se opõem ao, respectivamente, aprisionar e libertar a animal-Mulher no primeiro sonho. Em inglês a palavra “age” (tempo ou era) é agênera, mas Schreiner usa pronomes masculinos para se referir aos Tempos, evidenciando sua compreensão do tempo humano como masculino, ou seja, uma extensão do patriarcado.

Embora libertário em sua figuração de gênero, esse conto também caracteriza a provação como mérito e o esforço como concretização do desejo. Algo que torna a obra de Schreiner intrigante é a lógica de suas contradições internas, a exemplo da influência do protestantismo em sua concepção de progresso. No segundo sonho, o Ancião, personagem explicativa, diz à Mulher que a Terra da Liberdade só está acessível “Pelas margens do Labor, através das águas do Sofrimento”⁸ (Schreiner, 1892, p. 77, tradução nossa). No original, o termo “Labour”, que vem do latim *labor*, significa trabalho no sentido amplo; porém, em inglês, a palavra também pode significar trabalho de parto,

⁵ No original: “an old man [...], who had a long white beard; and a stick that curled was in his hand, and on it was written Reason”.

⁶ No original: “And I said to him beside me”.

⁷ No original: “Age-of-muscular-force” e “Age-of-nervous-force”.

⁸ No original: “Down the banks of Labour, through the water of Suffering”

algo particular à experiência feminina; etimologicamente, a palavra também está ligada a *laboratory* (laboratório), do latim *laboratorium*, espaço de trabalho intelectual e científico. O pai missionário de Schreiner, de formação luterana e congregacional, pregava uma doutrina de evangelização compartilhada (First; Scott, 1990, p. 32) derivada do senso de comunidade intelectual fundada pela Reforma Protestante ao vernacularizar os textos sagrados. É possível, a partir desses elementos, compreender que a concepção de “*labour*” no contexto de *Three dreams in a desert* é o da ação coletiva material e mental, ou seja, o trabalho das mulheres enquanto comunidade. Ainda que tal mescla de feminismo e martírio social hoje possa nos parecer contraditória, essa foi fundamental à ação social das sufragistas britânicas, que sacrificavam seu bem-estar físico em protestos de fome ou mesmo sua vida, como no caso de Emily Davidson, que se atirou diante de um cavalo para protestar na presença do Rei George V (Collette, 2012).

O elemento final que arremata o senso de pertencimento coletivo desse conto é tanto a moldura quanto os três sonhos serem **aterrados**, no sentido de identificados com um espaço geográfico que lhes dá sentido. Em uma carta de 1886, Schreiner descreve para Pearson como, para ela, o ideal é plenamente materializado na natureza africana e, portanto, alcançável:

O ideal, no sentido em que uso o termo, é alcançável. O ideal é a concepção da condição mais completamente bela e satisfatória que a imaginação é capaz de produzir. Ora, geralmente a imaginação pode produzir uma imagem que supera a realidade que ainda vemos, e nos sentimos insatisfeitos com as coisas porque a imagem delas em nossa mente é melhor. Mas o ideal absoluto sim existe. Quando olho para a luz do sol africano às quatro da tarde, sinto que possuo o ideal, aquilo que não consigo imaginar nada que seja mais perfeito. [...] Isso acontece muito raramente na vida humana, mas é em direção a essa possibilidade de alcançar o bem mais elevado que aspiramos. Não estamos aspirando a uma sombra⁹ (Schreiner, 1886, tradução nossa).

Essa mesma natureza africana é o esteio das camadas do conto. Na moldura narrativa, há um deserto de terra batida cuja paisagem escaldante é quebrada pela

⁹ No original: “*The ideal in the sense in which I use the term is attainable. The ideal is the conception of the most completely beautiful & satisfactory condition which the imagination is able to produce. Now generally the imagination can produce a picture surpassing the as yet see reality, we feel dissatisfied with things because the image of them in our minds is better. But the absolutely ideal does exist. When I look at African sunshine at four in the afternoon, then I feel I have the ideal, that than which I can imagine nothing more perfect. [...] In one’s own life there have often been relations with certain people that were absolutely ideal. [...] This happens very seldom in human life, but it is towards this possibility of attaining the highest good that we strive. We are not striving towards a shadow.*”

árvore de mimosa, conhecida por suas folhas que se fecham ao toque, que para os vitorianos significava castidade e fidelidade (Goldberg; Washington, 2022), traços socialmente associados à mulher; ou seja, o sonho de liberdade é possível sem necessariamente afastar a feminilidade. No primeiro sonho, é apresentado um deserto arenoso e cortado pelo vento, onde habitam apenas a animal-Mulher e o animal-Homem; portanto, enquanto a mulher estiver atada ao homem e ao seu fardo histórico, o mundo será estéril. No segundo sonho, o deserto é interrompido por um rio enorme e escuro e na margem oposta estão insinuadas as árvores e colinas da Terra da Liberdade; podemos entender, assim, que o amedrontador antecede a libertação, mas não a impede. Por fim, no terceiro sonho, há colinas habitadas por pessoas amigáveis que asseguram à narradora estarem na Terra, ainda que no futuro; desse modo, o sonho não é um mundo à parte, apenas uma manifestação do progresso no mundo que habitamos. Os elementos naturais, como chave para interpretação dos sonhos, criam possibilidades de familiarizar o onírico.

3 O SONHO COMPARTILHADO

Three dreams in a desert foi um apelo de Schreiner à consciência coletiva das mulheres de seu tempo, e esse apelo foi ouvido. Carly Nations (2021) cita a experiência da militante pelo sufrágio feminino e reforma prisional Constance Lytton, que, ao ouvir o conto ser recitado na prisão por uma das companheiras, sentiu que ela mesma e todo o grupo de sufragistas eram amparadas pelas palavras de Schreiner numa luta que parecia infrutífera e se tornava progressivamente mais violenta.

A memória desse conto entre as militantes pelo voto feminino é tão sólida que numa cena tocante do filme *Suffragette* (2015) após a cena da morte de Emily Davidson, a personagem Maud Watts se senta em sua cama e abre uma edição de *Dreams* que Davidson lhe dera mais cedo, anotada com o nome de todas as mulheres que já possuíram aquele volume e o passaram adiante umas para as outras, enquanto um trecho de *Three dreams in a desert* é narrado em *voice-over*.

Dez anos depois da publicação de *Dreams*, *Three dreams in a desert* serviu de inspiração para um discurso sobre sacrifício sociopolítico da anarquista Voltairine de Cleyre, em que ela cita o segundo sonho:

E, pegando emprestado o imaginário de Olive Schreiner, muitos são os que descem ao rio escuro que se coloca entre [nós e a Liberdade] “e são arrastados”, e se afogam; “os seus corpos nem sequer constroem a ponte”. E quando finalmente os futuros homens e mulheres atravessarem a “ponte construída com corpos”, serão os mortos esquecidos, que hoje caem por todo lado, no campo, na fábrica e na mina, cujos cadáveres serão os pilares sobre os quais a ponte se apoia. Falo dos sofreadores diários, das vítimas indefesas do capitalismo e do Estado, que morrem e não sabem por que morrem.¹⁰ (De Cleyre, 2013, tradução nossa)

Quarenta e cinco anos depois de De Cleyre, a Juíza Florence E. Allen, pacifista e primeira mulher a servir numa Suprema Corte estadual nos Estados Unidos da América, pronunciou um discurso nos últimos momentos da Segunda Guerra Mundial, em fevereiro de 1945, citando novamente o segundo sonho em *Three dreams in a desert*:

Em um dos vívidos *Dreams*, de Olive Schreiner, ela retrata uma mulher de pé sobre um rio escuro e veloz, olhando para a Terra da Liberdade. Às vezes, penso que todos nós hoje estamos, por assim dizer, olhando através da mesma barreira aparentemente intransponível para a Terra da Paz, na qual esperamos de alguma forma entrar. Cabeças de ponte estão sendo tomadas naquela terra pelos homens e mulheres que deram suas vidas tão livremente nesta catástrofe mundial; mas você e eu devemos manter e ampliar cada cabeça de ponte até que, finalmente, a Terra Prometida seja alcançada.

[...]

Aqui na América, estamos sobre a ponte construída, como diz Olive Schreiner, com os corpos dos homens e mulheres de todos os tempos que se doaram para que outros pudessem ser livres. A questão que nos confronta é se, por nossa vez, temos inteligência e devoção suficientes para atravessar a ponte aqui e agora. Não é impossível ajudar a erigir as grandes liberdades em um mundo sem guerra. Não é impossível criar um mundo sem guerra. Esse é o problema imediato da raça [humana], um problema que podemos compartilhar a resolução e que não pode ser resolvido sem nós.¹¹ (Allen, 2010, tradução nossa)

¹⁰ No original: “And, to borrow the imagery of Olive Schreiner, many are they who go down to the dark river that lies between ‘and are swept away’, and are drowned; ‘their bodies do not even build the bridge’. And when at last the future men and women shall pass over ‘the bridge built with bodies’, it will be the unremembered dead, falling today on every hand, in field and factory and mine, whose corpses shall be the piers whereon it rests. I speak of the daily sufferers, the helpless victims of capitalism and the State, who die and know not why they die.”

¹¹ No original: “In one of the vivid *Dreams*, by Olive Schreiner, she depicts a woman standing above a dark, swift river, looking over at the Land of Freedom. Sometimes I think that all of us today are, as it were, gazing across the same seemingly impassable barrier to the Land of Peace which we hope somehow to enter. Bridgeheads are being taken on that land by the men and women who have given their lives so freely in this world catastrophe; but you and I must maintain and widen every bridgehead until at last the Promised Land is reached.

[...]

Here in America we stand upon the bridge built, as Olive Schreiner says, with the bodies of the men and women of all time who gave themselves that others might be free. The question which confronts us is whether in our turn we have such intelligence and devotion that we shall here and now cross over the bridge. It is not impossible to help to erect the great freedoms in a warless world. It is not impossible to create a warless

Tanto De Cleyre quanto Allen extrapolam a mensagem libertária de Schreiner para sentidos além do direito feminino, mas o fazem enquanto mulheres cuja posição de destaque só é possibilitada pelo feminismo pioneiro das mulheres do século XIX. A própria Schreiner se beneficiou da liberdade pela qual militou. De volta à África em 1889, ao longo das três décadas seguintes solidificou seu espaço na esfera pública como escritora e militante pelos direitos de todas as mulheres, incluindo as não-brancas, e dos povos indígenas africanos. A segurança e autonomia dos nativos foi, paulatinamente, tomando a dianteira das preocupações sociais de Schreiner (Stanley, 2023), especialmente à luz das políticas de exclusão territorial, econômica e política instauradas pelo governo de Cecil Rhodes ao longo da década de 1890 (Gomes, 2013), que serviram como semente para o regime de *Apartheid* na segunda metade do século XX.

Mas, surpreendentemente, não é esse o ponto de conexão entre Schreiner e o Movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos na primeira metade do século XX. Howard Thurman, teólogo e mentor de diversos membros do Movimento, incluindo Martin Luther King Jr., se identificava com Schreiner na predileção pelo onírico e pela alegorização da natureza (Barends, 2023). Thurman, quando editou uma antologia das obras de Schreiner nos anos 1970, escolheu como título *A track to the water's edge* (Uma trilha até a beira da água), em referência ao segundo sonho em *Three dreams in a desert*, quando o ancião Razão instrui a Mulher sobre como, mesmo que se afogue no rio, ela terá contribuído para a travessia de outrem:

“E, dos que chegam primeiro, alguns são arrastados e não se ouve falar mais deles; os seus corpos nem sequer constroem a ponte?”

“E são arrastados, e não se ouve falar mais deles — e o que há com isso?”, disse ele.

“E o que há com isso—”, disse ela.

“Eles fazem uma trilha até a beira da água.”

“Eles fazem uma trilha até a beira da água—” E ela disse: “Por essa ponte que será construída com os nossos corpos, quem passará?”

Ele disse: “Toda a raça humana.”

E a mulher agarrou seu cajado.

E eu a vi descer naquele caminho escuro para o rio¹² (Schreiner, 1892, p. 82-83, tradução nossa).

world. This is the immediate problem of the race, one which we may share in solving, and one which cannot be solved without us.”

¹² No original: “*And, of those that come first, some are swept away, and are heard of no more; their bodies do not even build the bridge?*”

“*And are swept away, and are heard of no more—and what of that?*” he said.

Na introdução da antologia, Thurman discorre sobre a influência das alegorias de Schreiner em seu próprio pensamento a partir do primeiro contato com *Dreams* e como, antes de Schreiner, jamais havia encontrado uma obra que compreendesse e expandisse sua visão de unidade do mundo sensível, como o mundo natural influencia o indivíduo e como o ritmo da vida pode se fundir ao da natureza (1973, p. XVII). Como estadunidense, Thurman pôde discernir as influências de Herbert Spencer e Ralph Waldo Emerson, transcendentalistas fundamentais à concepção de nação dos Estados Unidos, que Schreiner leu avidamente durante a juventude e que influenciaram seu idealismo e estilo alegórico; como pastor, pôde reconhecer os ecos bíblicos que permeiam o estilo das alegorias, gerando um senso de compartilhamento com sua própria formação. No todo, a influência sobre Thurman atesta a capacidade mobilizadora que os sonhos alegóricos de Schreiner, e esse conto em particular, têm de evocar o sonho libertário nos mais diversos leitores.

Os três sonhos, em sua moldura escaldante, são uma amostra notável das ideias que orientam e instigam na obra de Schreiner: suas alegorias são esboços utópicos pelo fim da exploração dos corpos e da natureza. O sul global anglófono, frequentemente ofuscado, foi e é um cenário em que as desigualdades do capitalismo são exacerbadas pelo ainda recente passado imperialista. É necessário à crítica compreender que, em se tratando de literatura anglófona do fim do século XIX, há um mosaico vibrante de obras que transpõem as fronteiras da metrópole britânica e da jovem nação estadunidense: a leitura da natureza africana na obra de Olive Schreiner lança uma luz sobre a tessitura literária do final do século XIX e revela a força do onírico e do alegórico como recursos para imaginar alternativas à ordem social vigente. Schreiner constrói, por meio de seus sonhos e alegorias, um diálogo constante entre o indivíduo e a natureza, espaço que se apresenta, em sua escrita, como refúgio e como horizonte de possibilidades emancipatórias.

“And what of that—” she said.

“They make a track to the water’s edge.”

“They make a track to the water’s edge—.” And she said, “Over that bridge which shall be built with our bodies, who will pass?”

He said, “The entire human race.”

And the woman grasped her staff.

And I saw her turn down that dark path to the river.

A natureza, aqui, não se limita a um cenário contemplativo: é a matriz da transformação e liberdade. É nela que os corpos femininos subjugados encontram trilhas ocultas e constroem pontes alegóricas por sua coragem de encarnar sonhos para além das estruturas opressoras do colonialismo e do patriarcado: a travessia da ponte só é possível por meio dos corpos e sonhos de todas. Em suma, a força mobilizadora das alegorias em *Three dreams in a desert* reside na convocação para sonhar a liberdade manifesta na natureza indomada africana. Obras coloniais e transterritoriais, como as de Olive Schreiner, capturam o espírito de uma época marcada por revoluções científicas e sociais na metrópole em paralelo ao acirramento da exploração nas colônias. Schreiner deseja e concebe um futuro em que a igualdade, mesmo na diferença, pode permear a vivência de todas as pessoas, e convida quem lê a se resguardar à sombra de um pé de mimosa e sonhar. Sua escrita é testemunho de sua intimidade intelectual e emocional, que encontrou no onírico um vetor e na literatura um escape à solidão do inconformismo que historicamente aprisionou mulheres e criaturas coloniais.

REFERÊNCIAS

ALLEN, F. E. *The bridge to the Future: have we here and now the intelligence and devotion to cross over? Words of Peace, Words of War*, 2010 [1945]. Disponível em: <<https://www.ibiblio.org/pha/policy/1945/1945-02-25a.html>>. Acesso em: 20 mar. 2025.

ASLIN, E. The Fashionable Aesthete. In: ASLIN, Elizabeth. *The Aesthetic Movement: prelude to Art Nouveau*. Londres: Elek London, 1969, p. 145-159.

BARENDS, H. The Influence of Olive Schreiner on Howard Thurman and, through Thurman, on Martin Luther King, Jr.. In: MUNSLOW ONG, J.; VAN DER VLIES, A. (ed.) *Olive Schreiner: Writing Networks and Global Contexts*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2023, p. 138-154. Disponível em: <<https://doi.org/10.1515/9781399512558-012>>. Acesso em: 12 mar. 2025.

COLLETTE, C. P. Hidden in plain sight: religion and medievalism in the British women's suffrage movement. *Religion & Literature*, vol. 44, no. 3, p. 169-75, 2012. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/24397755>>. Acesso em: 19 abr. 2025.

DE CLEYRE, V. *Our martyred comrades*. Tulsa, Oklahoma: Center for a Stateless Society, 2013 [1900]. Disponível em: <<https://c4ss.org/content/18667>>. Acesso em: 20 mar. 2025.

FIRST, R.; SCOTT, A. *Olive Schreiner: a biography*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1990.

GOLDBERG, M.; WASHINGTON, O. *There's Rue for You: A Guide to Victorian Flower Language*. Carleton English Department: The Second Laird Miscellany. 19 apr. 2022. Disponível em: <<https://www.carleton.edu/english/miscellany/news/theres-rue-for-you-a-guide-to-victorian-flower-language/>>. Acesso em: 22 mar. 2025.

GOMES, Raquel Gryszczenko Alves. *Uma feminista na contramão do colonialismo: Olive Schreiner, literatura e a construção da nação sul-africana, 1880-1902*. São Paulo: Annablume, 2013.

JAY, E. Introduction. In: JAY, E. (ed.). *Dreams – Three works by Olive Schreiner: Dreams, Dream life and real life and Stories, dreams and allegories*. Birmingham: The University of Birmingham Press, 2003, p. IX-XXVII.

SAUDO-WELBY, N. Visiting the highest heaven: gender-free narration and gender-inclusive reading in Olive Schreiner's *Dreams* (1890). *Miranda*, v. 14, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/miranda.9881>>. Acesso em: 06 mar. 2025.

SCHREINER, O. Three dreams in a desert. In: SCHREINER, Olive. *Dreams*. Londres: T. Fisher Unwin, 1892, p. 65-85. Disponível em: <https://catalog.hathitrust.org/Record/102109_834/Home>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SCHREINER, O. Three dreams in a desert. *The Fortnightly Review*, v. 48 (jul.-dec.), p. 198-203, 1887. Disponível em: <<https://catalog.hathitrust.org/Record/006056638>>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SCHREINER, O. [Carta enviada a Edward Carpenter]. Destinatário: Edward Carpenter. Hotel Westminster, Bordighera, Itália, 5 abr. 1888. 1 carta. Disponível em: <<https://www.oliveschreiner.org/vre?view=collections&colid=71&letterid=18>>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SCHREINER, O. [Carta enviada a Karl Pearson]. Destinatário: Karl Pearson. Londres, Reino Unido, 05 nov. 1886. 1 carta. Disponível em: <<https://www.oliveschreiner.org/vre?view=collections&colid=74&letterid=107>>. Acesso em: 20 abr. 2024.

SCHREINER, O. *The story of an African farm: a Novel*. 2 ed. Chicago: M.A. Donohue, 1883. Disponível em: <<https://catalog.hathitrust.org/Record/012193079/Cite>>. Acesso em: 06 mar. 2025.

SCHREINER, O. *Woman and labour*. Toronto: S. B. Gundy, 1914. Disponível em: <<https://catalog.hathitrust.org/Record/100644183/Cite>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

STANLEY, L. Turning Points: Olive Schreiner Changing Her Mind About Race Matters. In: MUNSLOW ONG, J.; VAN DER VLIES, A. (ed.) *Olive Schreiner: Writing Networks and Global Contexts*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2023, p. 99-114. Disponível em: <<https://doi.org/10.1515/9781399512558-010>>. Acesso em: 12 mar. 2025.

SUFFRAGETTE. Direção: Sarah Gavron. Roteiro: Abi Morgan. Reino Unido: Film4; BFI; Ingenious Media; Canal+; Ruby Films; Pathé, 2015. 106 min.

THURMAN, H. (ed.). *A track to the water's edge: The Olive Schreiner Reader*. Nova York: Harper & Row, 1973.

TURNER, M. Hybrid Journalism: Women and the progressive Fortnightly. In: CAMPBELL, Kate (ed.). *Journalism, Literature and Modernity: From Hazlitt to Modernism*. Edinburgh University Press, 2000, p. 72-90.